

## ÍNDICE

Breves nostalgias sobre Juan Rulfo .....	9
<i>Pedro Páramo</i> .....	19

NOTA DO EDITOR: A presente tradução foi feita a partir da edição crítica (*Juan Rulfo – Toda la Obra*, Edición Crítica, coord. Claude Fell, ALLCA XX – Colección Archivos, 2.ª ed., 17, Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima, 1996) e respeita a versão definitiva do autor em termos de divisão em fragmentos do texto, sinais gráficos e pontuação.

Vim a Comala porque me disseram que vivia aqui o meu pai, um tal Pedro Páramo. Foi a minha mãe quem mo disse. E eu prometi-lhe que viria vê-lo quando ela morresse. Apertei-lhe as mãos como sinal de que o faria, pois ela estava à beira da morte e eu disposto a prometer-lhe tudo. «Não deixes de ir visitá-lo», recomendou-me. «Chama-se assim e assado. Tenho a certeza de que gostará de conhecer-te.» Na altura nada mais pude fazer além de lhe dizer que sim, que o faria, e, de tanto lho dizer, continuei a dizê-lo mesmo depois do trabalho que as minhas mãos tiveram para se afastar das suas mãos mortas. Imediatamente antes, dissera-me:

– Não lhe vás pedir nada. Exige-lhe o que nos pertence. O que me devia ter dado e nunca deu... O esquecimento a que nos votou, meu filho, cobra-lho caro.

– Assim farei, mãe.

Mas não pensava cumprir a minha promessa. Até ter começado, há muito pouco tempo, a encher-me de sonhos, a dar asas às ilusões. E assim se foi formando um mundo em torno da esperança que era aquele senhor chamado Pedro Páramo, o marido da minha mãe. Por isso vim a Comala.

Era o tempo da canícula, quando o ar de Agosto sopra quente, envenenado pelo odor putrefacto das saponárias.

O caminho subia e descia: *«Sobe ou desce consoante se vai ou se vem. Para quem vai, sobe; para quem vem, desce.»*

– Como diz que se chama a aldeia que se vê lá em baixo?

– Comala, senhor.

– Tem a certeza de que já é Comala?

– Tenho, senhor.

– E porque é que tudo parece tão triste?

– São os tempos, senhor.

Eu imaginava ver tudo aquilo através das memórias da minha mãe; da sua nostalgia, entre retalhos de suspiros. Ela viveu sempre a suspirar por Comala, pelo regresso; mas nunca voltou. Agora venho eu em vez dela. Trago os olhos com que ela viu estas coisas, porque me deu os seus olhos para ver: *«Passando o desfiladeiro de Los Colimotes, há a vista mais bonita de uma planície verde, um pouco amarela por causa do milho maduro. Daí vê-se Comala, branqueando a terra, iluminando-a durante a noite.»* E a sua voz era sussurrada, quase apagada, como se falasse consigo mesma... A minha mãe.

– E que vai o senhor fazer a Comala, se se pode saber? – ouvi alguém perguntar-me.

– Vou ver o meu pai – respondi.

– Ah! – disse ele.

E voltámos ao silêncio.

Caminhávamos encosta abaixo, ouvindo o eco do trote dos burros. Os olhos rebentados pelo torpor do sono, na canícula de Agosto.

– Que grande festa que lhe vai fazer – voltei a ouvir a voz do homem que ia ao meu lado. – Ficaré contente por ver alguém depois de tantos anos sem que ninguém passasse por cá.

Depois acrescentou:

– Seja quem for, ficará contente por vê-lo.

Na reverberação do sol, a planície parecia uma lagoa transparente, desfeita em vapores através dos quais brilhava, translúcido, um horizonte cinzento. E mais além, uma linha de montanhas. E ainda mais além, a mais remota lonjura.

– E como é o seu pai, se se pode saber?

– Não o conheço – disse-lhe. – Só sei que se chama Pedro Páramo.

– Ah! Bem sei.

– Sim, foi assim que me disseram que se chamava.

Ouvi novamente o «Ah!» do almocreve.

Dera com ele casualmente em Los Encuentros, onde se cruzam vários caminhos. Ali fiquei, à espera, até que, por fim, apareceu este homem.

– Para onde vai? – perguntei-lhe.

– Vou para baixo, senhor.

– Conhece um lugar chamado Comala?

– É mesmo para lá que vou.

E eu segui-o. Fui atrás dele tentando acompanhar o seu passo, até que pareceu aperceber-se de que o seguia e diminuiu a pressa da sua corrida. Depois disso, íamos tão próximos que os nossos ombros quase se tocavam.

– Eu também sou filho de Pedro Páramo – disse-me.

Um bando de corvos passou por nós, atravessando o céu vazio, fazendo cuar, cuar, cuar.

Depois de passarmos os cerros, descemos cada vez mais. Tínhamos deixado o ar quente lá em cima e íamo-nos afundando no puro calor sem ar. Tudo parecia estar à espera de alguma coisa.

– Está calor, aqui – disse.

– Sim, e isto não é nada – respondeu-me. – Espere. Vai senti-lo ainda mais quando chegarmos a Comala. Aquilo está sobre as brasas da Terra, na própria boca do Inferno. Basta dizer-lhe que muitos dos que lá morrem, quando chegam ao Inferno, regressam em busca do seu agasalho.

– Conhece Pedro Páramo? – perguntei-lhe.

Atrevi-me a fazê-lo porque vi nos seus olhos uma gota de confiança.

– Quem é? – voltei a perguntar.

– Um rancor vivo – respondeu-me.

E deu uma chicotada desnecessária nos burros, pois estes iam muito adiante de nós, encarreirados na descida.

Senti o retrato da minha mãe guardado no bolso da camisa, aquecendo-me o coração, como se também ela suasse. Era um retrato velho, carcomido nos rebordos; mas foi o único que lhe conheci. Encontrara-o no armário da cozinha, dentro de uma caçarola cheia de ervas: folhas de erva-cidreira, flores de Castela, ramos de arruda. Tenho-o desde então. Era o único. A minha mãe nunca gostou de se deixar fotografar. Dizia que os retratos eram coisas de bruxaria. E assim parecia ser; porque o seu estava cheio de buracos, como que feitos por agulhas, e no sítio do coração tinha um, enorme, onde caberia perfeitamente o dedo do coração<sup>1</sup>.

É o que trago comigo, pensando que poderia ser útil para o meu pai me reconhecer.

– Veja – diz-me o almocreve, estacando. – Vê aquela lomba que parece uma bexiga de porco? Pois mesmo atrás fica a Meia-Lua. Agora olhe para o lado. Vê a crista daquele cerro? Veja-a. E agora olhe para o outro. Vê a outra crista, que quase não se vê, de tão longe que está? Bom, pois essa é a extensão total da Meia-Lua, que é como quem diz toda a terra que se pode abarcar com o olhar. E toda esta terra é dele. Acontece que as nossas mães nos abortaram numa esteira, apesar de sermos filhos de Pedro Páramo. E o mais engraçado é que ele não nos baptizou. Consigo deve ter acontecido a mesma coisa, não?

– Não me lembro.

– Vá mas é enganar outro!

– Que diz?

– Que já estamos a chegar, senhor.

– Sim, estou a ver. O que é que passou por aqui?

– Um *correcaminos*<sup>2</sup>, senhor. É o nome que dão a estes pássaros.

1 Referência ao dedo anular, onde nasce, de acordo com a quiromancia, a linha do coração. [N. T.]

2 Ave rasteira (*Geococcyx californianus*). [N. T.]

- Não, eu estava a perguntar pela aldeia, que parece tão só, como se estivesse abandonada. Parece que não vive cá ninguém.
- Não parece. É. Aqui não vive ninguém.
- E Pedro Páramo?
- Pedro Páramo morreu há muitos anos.

Era a hora em que as crianças brincam nas ruas de todas as aldeias, enchendo a tarde com os seus gritos. Quando até as paredes negras reflectem a luz amarela do Sol.

Era, pelo menos, o que eu vira em Sayula, ontem, a esta hora. E vira também o voo das pombas rompendo o ar quieto, sacudindo as asas como se se desprendessem do dia. Voavam e caíam sobre os telhados, enquanto os gritos das crianças rodopiavam e pareciam tingir-se de azul no céu do entardecer.

Agora estava aqui, nesta aldeia sem ruídos. Ouvia cair os meus passos sobre as pedras redondas que empedravam as ruas. Os meus passos ocos, repetindo o seu som no eco das paredes tingidas pelo Sol do entardecer.

Fui andando pela rua principal, a essa hora. Vi as casas vazias; as portas fora dos gonzos, invadidas pela erva. Como é que aquele fulano me disse que esta erva se chamava? «A erva capitã, senhor. Uma praga que espera que as pessoas partam para invadir imediatamente as casas. Assim as verá.»

Ao passar por uma ruazinha, vi uma senhora envolta no seu xaile que desapareceu como se não existisse. Depois os meus passos voltaram a mover-se e os meus olhos continuaram a aproximar-se dos buracos das portas. Até que a mulher do xaile voltou a passar diante de mim.

- Boas noites! – disse-me.
- Segui-a com o olhar. Gritei-lhe:
- Onde vive a dona Eduvigés?

E ela apontou com o dedo:

– Ali. Na casa que fica junto à ponte.

Dei-me conta de que a sua voz era feita de fibras humanas, a sua boca tinha dentes e uma língua que se enrolava e desenrolava enquanto falava e de que os seus olhos eram como todos os olhos das pessoas que vivem sobre a Terra.

Tinha escurecido.

Voltou a dar-me as boas-noites. E, embora não houvesse crianças a brincar, nem pombas, nem telhados azuis, senti que a aldeia estava viva. E que, se eu ouvia apenas o silêncio, era porque não estava ainda habituado ao silêncio; talvez porque a minha cabeça vinha cheia de ruídos e de vozes.

De vozes, sim. E aqui, onde o ar era escasso, ouviam-se melhor. Ficavam dentro de nós, pesadas. Lembrei-me do que a minha mãe me dissera: *«Lá ouvir-me-ás melhor. Estarei mais perto de ti. Acharás mais próxima a voz das minhas recordações do que a da minha morte, se é que a morte alguma vez teve voz.»* A minha mãe... a viva.

Quisera dizer-lhe: «Enganaste-te na morada. Deste-me uma direcção errada. Mandaste-me para o “onde é isto, onde é aquilo?” Para uma aldeia solitária. À procura de alguém que não existe.»

Cheguei à casa da ponte, orientando-me pelo barulho do rio. Bati à porta; mas em falso. A minha mão sacudiu-se no ar como se o ar a tivesse aberto.

Estava lá uma mulher. Disse-me:

– Entre.

E entrei.

Fiquei em Comala. O almocreve, que seguiu viagem, informou-me ainda antes de se despedir:

– Eu vou para além, onde vê a junção dos cerros. Tenho lá a minha casa. Se quiser vir, será bem-vindo. Mas, se quiser ficar aqui,

então fique; embora não fosse má ideia dar uma vista de olhos à aldeia, talvez encontre algum habitante vivo.

E fiquei. Vinha para ficar.

– Onde poderei encontrar alojamento? – perguntei, quase a gritar.

– Procure a senhora Eduviges, se é que ainda é viva. Diga-lhe que vai da minha parte.

– E como é que o senhor se chama?

– Abundio – respondeu-me. Mas já não consegui ouvir o apelido.

– Sou Eduviges Dyada. Entre.

Dir-se-ia que estava à minha espera. Tinha tudo a postos, segundo me disse, enquanto me conduzia ao longo de uma série de quartos escuros, aparentemente abandonados. Mas não; porque, assim que me habituei à escuridão e ao delgado fio de luz que nos seguia, vi crescer sombras de ambos os lados e senti que avançávamos ao longo de um estreito corredor aberto entre vultos.

– O que há aqui? – perguntei.

– Quinquilharias – disse-me ela. – Tenho a casa cheia de quinquilharias. Os que partiram escolheram-na para guardar os móveis e ninguém veio buscá-los. Mas o quarto que lhe reservei fica ao fundo. Tenho-o sempre desocupado para o caso de alguém chegar. Então o senhor é filho dela?

– De quem? – respondi.

– De Doloritas.

– Sim, mas como sabe?

– Ela avisou-me de que viria. E hoje, precisamente. Que chegaria hoje.

– Quem? A minha mãe?

– Sim. Ela.

Não soube o que pensar. Nem ela me deu tempo para pensar.

– Este é o seu quarto – disse-me.

Não tinha portas, só aquela pela qual tínhamos entrado. Acendeu a vela, e vi que estava vazio.

– Aqui não há sítio para me deitar – disse-lhe.

– Não se preocupe com isso. Deve vir cansado, e o sono é muito bom colchão para o cansaço. Amanhã já lhe arranjo a sua cama. Como sabe, não é fácil organizar as coisas de um momento para o outro. Para isso temos de estar prevenidos, e a sua mãe só me avisou agora.

– A minha mãe – disse –, a minha mãe já morreu.

– Então era por isso que a sua voz estava tão fraca, como se tivesse tido de percorrer uma distância enorme para chegar até aqui. Agora percebo. E há quanto tempo morreu?

– Há já sete dias.

– Pobre dela. Deve ter-se sentido abandonada. Tínhamos prometido morrer juntas. Irmos juntas para nos animarmos na viagem, para o caso de precisarmos, para o caso de encontrarmos alguma dificuldade. Éramos muito amigas. Nunca lhe falou de mim?

– Não, nunca.

– Parece-me estranho. É claro que na altura éramos muito novinhas. E ela tinha acabado de casar. Mas gostávamos muito uma da outra. A tua mãe era tão bonita, tão, digamos, tão terna, que dava gosto gostar dela. Dava vontade de gostar dela. Então está em vantagem, não? Mas podes ter a certeza de que a vou apanhar. Só eu entendo quão distante de nós está o Céu; mas sei como cortar caminho. Tudo consiste em morrer, o Senhor seja louvado, quando quisermos e não quando Ele o decide. Ou, se quiseres, obrigá-lo a decidir antes do tempo. Perdoa-me tratar-te por tu; faço-o porque te considero meu filho. Sim, disse muitas vezes: «O filho de Dolores devia ter sido meu.» Depois te direi porquê. Agora, a única coisa que quero dizer-te é que vou apanhar a tua mãe em algum dos caminhos da eternidade.

Eu achava que aquela mulher tinha enlouquecido. Depois, deixei de achar fosse o que fosse. Senti-me num mundo longínquo

e deixei-me arrastar. O meu corpo, que parecia afrouxar, dobrava-se diante de tudo, soltara as suas amarras e qualquer pessoa poderia brincar com ele como se fosse de trapo.

– Estou cansado – disse-lhe.

– Vem comer qualquer coisa. Qualquer coisa de qualquer coisa. Uma coisa qualquer.

– Irei. Irei mais tarde.

A água que gotejava das telhas abria um buraco na areia do pátio. Soava: plás plás e depois novamente plás, em meia folha de louro que dava voltas e reviravoltas entalada numa fenda dos tijolos. A tormenta já passara. Agora, a brisa sacudia de vez em quando os ramos da romãzeira, fazendo-os espargir uma chuva espessa que estampava a terra com gotas brilhantes que depois se impregnavam. As galinhas, encolhidas como se dormissem, sacudiam subitamente as asas e saíam para o pátio, picando apressadas e apanhando as minhocas desenterradas pela chuva. Quando as nuvens se afastavam, o Sol arrancava luz às pedras, irisava tudo de mil cores, bebia a água da terra, brincava com o ar dando brilho às folhas com que o ar brincava.

– O que é que tu tanto fazes na casa de banho, rapaz?

– Nada, mamã.

– Se continuas a ficar tanto tempo lá, virá uma cobra que te vai morder.

– Sim, mamã.

«Pensava em ti, Susana. Nas colinas verdes. Quando lançávamos papagaios na época do vento. Ouvíamos lá em baixo o rumor vivo da aldeia enquanto estávamos por cima dele, no alto da colina, e, entretanto, fugia-nos o fio de cânhamo arrastado pelo vento. “Ajuda-me, Susana.” E umas mãos suaves apertavam as nossas mãos. “Solta mais fio.”

Vim a Gomala porque me disseram que vivia aqui o meu pai,  
um tal de Pedro Páramo. Foi a minha mãe quem mo disse.  
E eu prometi-lhe que viria vê-lo quando ela morresse...

«A partir do momento em que o narrador, em busca de Pedro Páramo, seu pai, se cruza com um desconhecido que lhe declara que são irmãos e que todas as pessoas da povoação se chamam Páramo, o leitor já sabe que entrou num texto fantástico, cujas ramificações indefinidas não lhe são possíveis antecipar, mas cuja gravitação o atrai. A crítica ensaiou análises muito diversas. A História, a Geografia, a Política, a técnica de Faulkner e de certos escritores russos, a Sociologia e o Simbolismo foram interpelados com afã; porém, até hoje, ainda ninguém conseguiu desenlear o arco-íris, para usar a estranha metáfora de John Keats.»

**Jorge Luis Borges, *Biblioteca Pessoal***

Hoje considerada uma *Obra Representativa da Unesco* e «um dos livros mais influentes do século», a publicação de *Pedro Páramo*, em 1955, representou um ponto de viragem na literatura hispano-americana e mundial, que ajudou a renovar.

«Pura criação, dessas que fazem perder o fôlego  
como se o ar ficasse envenenado.»

**Hélia Correia**

«Uma obra fundamental do século xx.  
Há qualquer coisa de sublime em *Pedro Páramo*.»

**Público**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789896232337



9 789896 232337 >